



ACERVO – EXPERIÊNCIAS AFETIVAS E MATERIALIDADES DO LUGAR

Isabela Frade. UERJ

RESUMO: No diálogo entre universidade e favela, relações se tramam na constituição de uma zona híbrida: resultado de uma prática estética calcada na presença viva. De um depósito de lixo na Mangueira, RJ, é constituído um espaço de convívio e aprendizado na arte de formas livres. São expectativas diversas: a favela vive a intervenção policial deflagrada no sentido de uma “pacificação”, profundamente silenciada em seus anseios; a universidade, por sua vez, se desloca para um campo de interações para além da hierarquia de saberes. O movimento em torno da rua se expande e se recriam memórias, narrativas sobre o que foi e o que há de vir. Entre enlaces e atravessamentos diversos, são traçados os contornos de um lugar comum. Habitar o futuro deriva do engajamento no presente.

Palavras chave: modos de presença, zonas de convívio, espaço público, hierarquia de saberes.

RESUMEN: En un diálogo entre universidad y barrio las relaciones están estableciendo una zona híbrida, resultado de la práctica estética basada en la presencia viva. Un vertedero de basura en Mangueira, RJ, se hace espacio para socializar y aprender el arte de formas libres. Las expectativas son diferentes: la favela vive la intervención policial disparada hacia una "pacificación", profundamente silenciada en sus deseos, la universidad, a su vez, se traslada a un campo de interacciones más allá de la jerarquía de saberes. El movimiento por la calle se expande y recuerdos recrean narrativas sobre lo que fue y lo que está por venir. Entre los vínculos y los diversos cruces, sus contornos se han extraído de un lugar común. Habitar el futuro deriva de la participación en el actual.

Palabras clave: modos de presencia, zonas de estar, espacio público, jerarquía de saberes.

La verdadera imagen del pasado pasa de largo a prisa.

W. Benjamim

O SÍTIO DA PACIFICAÇÃO – o local em violência surda

O amadurecimento das experiências nos projetos da via UERJ/Mangueira traz novas inquietações. Com um grupo de agentes onde se unem universitários e pessoas da comunidade, seguimos em uma associação instável, mas resiliente e insistente. Processo que se define por atuação em situações emergenciais—situações que se apresentam na dupla condição de emergência: como contingência,

no desafio do novo e da diferença, quanto no sentido da urgência, do imprescindível - na implantação do trabalho em 2009 e de suas fases anteriores (*Projeto Terra Doce, O Círculo, O Jardim da Tia Neuma*). Todas essas etapas seguem em direção à constituição de uma zona de convivialidade e sua ativação por proposições lúdicas na arte.

A experiência no diálogo universidade/favela se desenvolve em dois âmbitos: o espaço de cada qual, passante, visitante ou morador, e o lugar comum, fruto do compartilhamento. A construção de um espaço para a convivência implica em mobilização interna da comunidade pelo contato com o outro que se insere em ação transformadora. Requer tolerância e abertura para a diferença em intervenções que exigem proximidade. São desafios consecutivos: ao adensar-se, o processo gera novas demandas, o desafio relacional segue se desenvolvendo em profundidade e amplitude. O trabalho vem se transformando, chegando a constituir uma ordem visual linear – A PARADA VERDE.

Ao subir o morro, colocamo-nos em “situações/limite”. A favela se mostra em agitação social. As mudanças são incessantes, a instabilidade é causa e fruto da insegurança. O ritmo da vida na Mangueira é veloz. O momento atual é de retorno ao clima de sobressalto: foi súbita a revisão do plano de ocupação da favela pelas forças policiais na cidade do Rio de Janeiro em março deste ano, sendo ampliado seu efetivo de forma ostensiva, tratando de se exibir em seu poder máximo. Assistimos diariamente à crescente manipulação e controle exercidos pelo Estado, que vem progressivamente alterando as formas de vida nas comunidades cariocas. A ação compressor da polícia cresce. Caberia aqui pensar que conformamos uma intervenção, ação com origem externa, compondo mais uma onda de mutação a compor esse jogo de forças que pressionam a comunidade no sentido de transformação do morro. No entanto, somamos no sentido inverso, nos assumimos como agentes livres e disponíveis: não somos pacificadores, mas dividimos o desejo comum de uma condição de vida livre do medo.



Imagem 1. Movimento na Avenida Visconde de Niterói, base do Morro da Mangueira, Zona Buraco Quente. <fonte: Jornal O Globo, 20 de fevereiro de 2013.>

Um dos passantes comenta sobre a destruição da área de lazer ao sopé do morro: - “Foi duro. Não havíamos nem sonhado com isso. Na chegada da UPP a comunidade recebeu ‘na paz’. Em todas as casas do Buraco Quente as mulheres colocaram lençóis brancos nas suas janelas. E eles chegaram destruindo tudo isso aqui.” Na base do morro, em frente à quadra da Escola de Samba Mangueira, sob o viaduto que liga o bairro ao fluxo geral da cidade, havia um conglomerado de biroskas, onde a tardezinha e seguido à noite, as pessoas se reuniam, tomavam cerveja, comiam pastéis e jogavam sinuca. Era um lugar onde também costumávamos descansar e observar o movimento, sendo um bom espaço para trocas e conversas. Eliminar esse espaço de lazer foi a primeira forma de subjugar os seus moradores. A partir desse momento, em março de 2012, desde a instauração da UPP e até hoje, após um ano de operação especial da polícia, os moradores se postam de um jeito diferente, em grande recolhimento. Hoje, o silêncio é mais profundo.



Imagem 2. Conjunto habitacional do PAC na Mangueira, programa do governo federal, na zona conhecida como Candelária. contrasta com a arquitetura rizomática da favela (JACQUES, 2011), preservada na área que se percebe mais ao fundo. Ação integrada dos poderes impõe a visão hegemônica de ordem urbana. Notam-se o cerco policial e o confinamento de seus moradores. <fonte da pesquisa>

A Mangueira se situa em uma região urbana estratégica para os programas oficiais, como a Jornada da Juventude deste ano de 2013, a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016; especialmente pela proximidade com o complexo esportivo Maracanã/Maracanãzinho. Tivemos oportunidade de acompanhar, através da Reitoria de Extensão, o projeto de um campus integrado, planejamento produzido em conjunção da Prefeitura e do Governo do Estado como tácita empresa de valorização e limpeza do lugar. Nesse projeto a universidade, o estádio e a comunidade se ligam através de uma rede de passarelas em plano paisagístico de grandes proporções. O nosso pequeno jardim, encravado entre as paredes da Rua Icaraí, segue em dissenso ao se desejar significativo frente ao gigantismo dessas construções e dos planos oficiais de revitalização/pacificação.

Hierarquia de saberes – arte e vida em comum

Trata-se de criar confiança, respeito e interesse no diálogo - meios com o que medimos as nossas ações no morro, sentindo a repercussão de nossa presença, e seguir buscando, sensivelmente, a forma colaborativa. Não há objetivo final, apenas meio, o processo de realização se dá pela permanência, ainda que frágil, nessa

zona de convívio e se expor – no sentido artístico mesmo – aos tratos com os sujeitos que se postam nesse lugar – em estado frequente ou esporádico, dependendo principalmente do clima de violência no local.

O traço da poética se distingue pelo modo relacional, em que nos ocupamos de praticar certas formas de presença que se instauram em disposição de abertura para uma consciência ambiental como paisagem, como referente ao fundo de todo o processo. O conceito da Terra-Mundo, espaço pedagógico de humanização através de uma visão ecosófica (CASTRO, 2009) implica em reconhecer o fundamento no poetizar. Castro vai cunhar o termo “poietizar”, no encontro da poesia com a ética para expressar essa ação primária, básica: “É que no começo era o poietizar” (p.16). A ação humanizante deve, assim, desenvolver-se para a ampliação desse espaço de relação com o mundo de forma amplificada, total, envolvendo o humano na geração do estado de “Todo-o-Mundo”, conceito mais abrangente que abarca os sujeitos em relação.

“O que constituiu o ‘Todo-o-Mundo’ não é o cosmopolitismo, que é uma transformação negativa da Relação. O que constitui o ‘Todo-o-Mundo’, é a própria poética dessa Relação, que permite sublimar, em pleno conhecimento de si e do todo, o sofrimento e a anuência, o negativo e o positivo, ao mesmo tempo.” (GLISSANT, 2005, p. 106)

O caráter de efemeridade compõe cada ação – tudo dura muito pouco, quase logo depois se dissipa, e precisa acontecer de modo justo, tomando as próprias vibrações do lugar. Então é sua ambiguidade o sentido mais premente: é uma diferença que se instala - mas de modo sutil -, adaptando-se ao próprio ambiente da rua, buscando já de partida ser coisa do lugar, disponível a todos. Forma de arte como coisa do lugar comum. Não se espera nada em troca, apenas o olhar momentâneo, uma pausa e uma conversa um pouco mais duradoura e, em alguns casos, a companhia para viver uma aventura em forma de jogo. Estamos aderidos à convicção de Maturana (2009) sobre a base da sociabilidade estar vinculada ao conversar.

Estabelecemos o diálogo entre posições não antagônicas, mas na condição de alteridade em alto grau: dentre os que vivem isolados na comunidade e os que circulam por todos os lugares, pelo que vivem protegidos ou ameaçados pelo poder público, estabelecendo liames pelas falas que se produzem envolvendo as posturas

hierarquicamente defasadas – estamos atentos para a percepção do que imaginam como uma atitude de pessoas da universidade. Nesse modo, procuramos nos colocar na condição de igualdade de inteligências a que se refere Rancière (2010), quando pensa na disposição pedagógica do mestre Jacotot. Respondemos à questão que o filósofo faz ao artista em uma perspectiva diferente: - “Não será precisamente a vontade de suprimir a distância que cria a distância?” (Op. Cit., p. 21) Assumimos o valor positivo de alteridade na relação em que todos somos aprendizes; não suprimimos a distância, nem mesmo a diferença, operamos através dela, no reconhecimento de uma possibilidade de troca para além de uma hierarquia de saberes (Frade, 2012).

A rede sociotécnica a que cada grupo humano se envolve é núcleo dinâmico e irradiador de práticas criativas, compondo saberes próprios, que operam pelos desígnios revelados na realidade social em que se inserem. As trocas entre saberes, assim, revestem-se de intercâmbios mais amplos, de remodelação das visões de mundo, de percepção de outros modos no entendimento da vida. O exercício de fazer-se pensar a partir de outra esfera, ao explorar o espaço da alteridade, se dá principalmente no ensejo de sofrer essa transformação, forma de exercício existencial na disposição de experienciar o que se percebe livremente do outro.

O momento atual é de impasse: a opressão externa chega ao clímax. São dobrados os efetivos policiais e a comunidade está cercada. E começa a ser difícil ficar na rua, o jogo da arte está tenso. O pior problema, considerando o vínculo com o poder do governo de estado, é relacionarmos nossa proposta ao poder sufocante da polícia. Se os moradores são aliviados da presença dos traficantes, recebem outra demanda muito opressora: o silêncio. Ser pacífico é silenciar-se, aceitar a sua condição e resignar-se.



Imagem 3. Painel O Homem Pássaro e da Mulher Árvore. Em diálogo se estabeleceram padrões, as cores e o sentido geral desse imaginário romântico em tom épico.<fonte da pesquisa>.

Operamos por uma via receptiva, a da escuta. E seguimos com delicadeza, passo a passo, degrau por degrau. Fomos conhecendo a rua pouco a pouco, e ainda apenas em seu primeiro nível – na escadaria que leva do asfalto até a primeira praça (anterior *bunker* do tráfico). Escolhemos essa medida inicial para mantermos segura a distância entre qualquer domínio (policial ou bandido) e nos integrarmos à Creche Escola Nação Mangueirense, CENM/SMRJ, nossa parceira no projeto.

Esse tempo que vivemos é do andamento de ir e vir, de estar e de conversar. É um momento que buscamos recuperar o momento da brincadeira, noção mais legítima do estado de paz. Nesse aspecto, os mestres são as crianças, que se deixam tomar pela alegria e arrastam a todos com seu entusiasmo.



Imagem 4 – Amarelinha! Para os mais velhos, memória dos tempos de criança, para os novos, descobertas de formas ainda não vividas de brincar, na ativação do espaço da rua como lugar de encontro. <fonte da pesquisa>

Ao criarmos os canteiros liberados pela limpeza do lixão, o lugar se revelou um oásis. Conseguimos conter um vazamento de esgoto – com muito argumentação com a diretoria da escola. O debate era sobre a condição que a escola ocupa na comunidade: a nosso ver, sua entrada como intercessora com o poder público a tornaria uma agência mais importante, podendo atuar mais intensamente como instância mediadora pela comunidade. No entanto, a escola tem preservada uma relação de distância, protegida detrás de muitas grades, trabalhando de modo quase que ausente ao que ocorre em entorno. Suas principais ações comunitárias são promover as reuniões que contemplam os cursos de cuidados infantis, as orientações médicas e pedagógicas da CENM com os responsáveis. O sentido de comunidade escolar, porém, se dissipa tão logo as pessoas passam pelo portão. Acolhemos esse vazio e nos postamos nesse papel, fazendo reclamações e solicitações à Prefeitura.

Observamos que o espaço externo das moradias, na favela, é considerado lixo. O que de certa forma, reforça o próprio hábito de jogar lixo ao lado, em todo o lugar, na porta de casa, pelas ruas e vielas. Durante as chuvas, todas as passagens viram riachos de água suja, o esgoto transborda de suas precárias caixas, os canos rompem-se, gerando múltiplas cachoeiras de dejetos. Estamos na cloaca do mundo.

Aqui sabemos que é preciso ter coragem e resistir para suplantar esse problema. Nesse sentido, aqui são vencidas as nossas próprias resistências, sujeitos da universidade, ao superar o preconceito e o choque na ultrapassagem dos parâmetros da ordem e da limpeza com que estamos acostumados, e descobrir a humanidade para além de nossos próprios limites. O se por à prova começava no sentar-se na escadaria e aceitar o que a cidade rejeita e esconde.



Imagem 5 – Nos cantos da rua, nos canteiros, pequenas coisas foram se fazendo elos de uma narrativa do que na rua pudera ter sido vivido. Algumas clamavam tempos recentes e outras, os mais antigos. A cada extrato do terreno, uma descoberta pulsava sobre a relação do passado e do futuro desse lugar. <fonte da pesquisa>

O mau cheiro da terra no jardim, os restos de alimento, e toda a sorte de coisas imundas que circundam o espaço do trabalho ferem os nossos sentidos de modo contundente. Defendemo-nos da contaminação, mas nos expomos ao estado de rejeição sobre a sujeira que brota tão rápido quanto o capim, insistindo em ocultar o que está se produzindo em beleza. Nesse sentido, o Jardim se posta nessa condição de terceiro termo suscitado por Rancière (Op. Cit.), onde os signos demarcados são as atitudes frente ao lixo, ao estado comunitário diante da geração do campo de convívio, verificadas as dificuldades entre entrar e sair ou se envolver, entre trazer ou roubar, entre cuidar ou depredar, entre permanecer e conversar ou entre passar sem olhar.

“No âmbito da lógica da emancipação existe sempre, entre o mestre ignorante e o aprendiz emancipado, uma terceira coisa – um livro ou qualquer outro texto escrito -, algo que é estranho tanto a um como ao outro e a que ambos podem remeter-se para verificarem em comum aquilo que o aluno viu, aquilo que diz do que viu e o que pensa do que viu.” (p.24)



Imagem 6: *O Cravo e a Rosa*, imagem poética perdida recentemente com o furto constante das mudas. Os relatos de quem se envolve nos cuidados é que - “Os meninos lá de cima vem e levam tudo”. De certo modo, assim se realiza o projeto de forma indireta, com o alto do morro sendo enverdejado pela ação da dispersão produzida. No diálogo com os moradores fica a discussão sobre o ambiente de entrega parcial onde - “Aqui tudo é roubado”. Insistir no plantio é manter a disposição de contato em forma de entrega. <fonte da pesquisa>

O último desafio que ainda não vencemos foram os ratos. De nossa horta/jardim se satisfizeram com os magníficos pés de abóbora, onde se alimentavam de suas flores e criou-se um animado ninho de roedores. Depois da infestação, o canteiro agora jaz quase todo raspado, as plantas mortas ou extraídas. Algumas furtadas, outras mortas pelo sol escaldante do verão, outras arrancadas pelo medo dos ratos. Somos jardineiros aprendizes e os moradores de certo modo se divertem com a nossa “ignorância”. Mas é essa mesma falta, essa mesma inaptidão para lidar com as plantas, a náusea na sujeira e nossa falta de conhecimento que geram o descompasso que instaura a quebra da hierarquia de saberes.

Anoto no caderno de campo o que ouço de D., o lixeiro comunitário, importante sujeito da pesquisa. Ele produziu o seguinte comentário após a primeira leva de plantas: - “Sabe, eu sou da roça. Eu vi que vocês não entendem nada desse negócio de planta, né? (rs)” - “Verdade, não sabemos de nada disso! E veja que atrapalhada, (rs). Como você acha que devemos fazer?” –“Olha, primeiro você tem saber das plantas. Olha, essa aqui não é erva daninha, é Jurubeba, nem inventa de cortar. Dá para fazer remédio.” Assim, quem passa vem dar palpites e, ao se envolver, por a mão na enxada. Trabalhamos todos com luvas pelo risco de contaminação na terra; o que identifica quem está de jardineiro são as luvas. Então, com essas, se constituem o primeiro índice da mistura.



Imagem 7: As paredes laterais da rua são marcadas por muitos buracos de balas, resultado da guerra do tráfico. A Rua Icaraí funcionava como uma espécie de bunker: pelos seus platôs de cimento se localizavam a proteção ao comércio de crack, impedindo o acesso ao alto da rua. Foi nosso primeiro objeto conformador do Acervo. <fonte da pesquisa.>

Uma rosa, uma lamparina, um jogo, um desenho. As sementes, a pipoca feita na escada, a dança na rua, o bate papo. O desfile de bonecas, o spray, a modelagem no barro, a caça ao gafanhoto, os jogos corporais. Viemos assim até nos encontrarmos com as próprias coisas da rua, ao lidarmos com os canteiros; resíduos do depósito de lixo se mostram como fugazes indícios e fabulam acontecimentos recentes. A mostra ACERVO fez-se como resultado de uma prática estética baseada na escavação e observação dos achados, um tipo de arqueologia

do contemporâneo, e que significa o que se incorpora no mundo como reflexo do passado recente.

O que aconteceu a pouco de pode ter sido esquecido, o acúmulo de fatos e ocorrências, das coisas que se sucedem em veios velozes, pouco discriminados. A favela é todo um monturo, o lixo é o chão. Encontramos como resíduos vários materiais dispersos na terra, que recebe esses restos das ações humanas e verte, ao fundo, um campo de memória.



Imagem 8 - Mostra Acervo – experiências afetivas e materialidades do lugar. A reunião e organização dos objetos nos permitiu uma compreensão mais profunda de nosso papel na comunidade. A projeção sobre as peças e sua ordenação criava sempre novas narrativas possíveis. Também povoamos o lugar com nossas próprias imagens; em troca, deixamos uma borboleta branca, o retrato de Tia Neuma e uma roseira. < fonte da pesquisa>.

A Rua Icaraí, na zona conhecida como Buraco Quente, é palco de convergência e descoberta. Ao lidarmos com o que antes era considerado apenas sujeira e que pouco a pouco se revelou como materialidade da história na constituição do lugar. No nível do solo, na atual presença viva, essas coisas se somam ao rol de experiências brincantes. As narrativas que ouvimos integram esse conjunto como uma rede de apoio, explicitando os fatos e significando os objetos. Alguns foram deixados de lado e irremediavelmente perdidos, o que nos levou a colecioná-los. A partir dessa coleção nasce a mostra Acervo.

Aqui o lixo não é algo “extraordinário” (extraído daí a oposição contida no título da obra de Vik Muniz produzida com os catadores de lixo, quando as peças descartadas são matéria para a criação de imagens do artista), mas é o mergulho no ordinário, na discursividade latente, na arquetipia do cotidiano. Foi pelo modo de seleção, de esterilização e de ordenação desses objetos do monturo que pudemos ultrapassar nossos limites diante do abjeto. E entender, mais profundamente, a fonte da violência que envolve a favela.

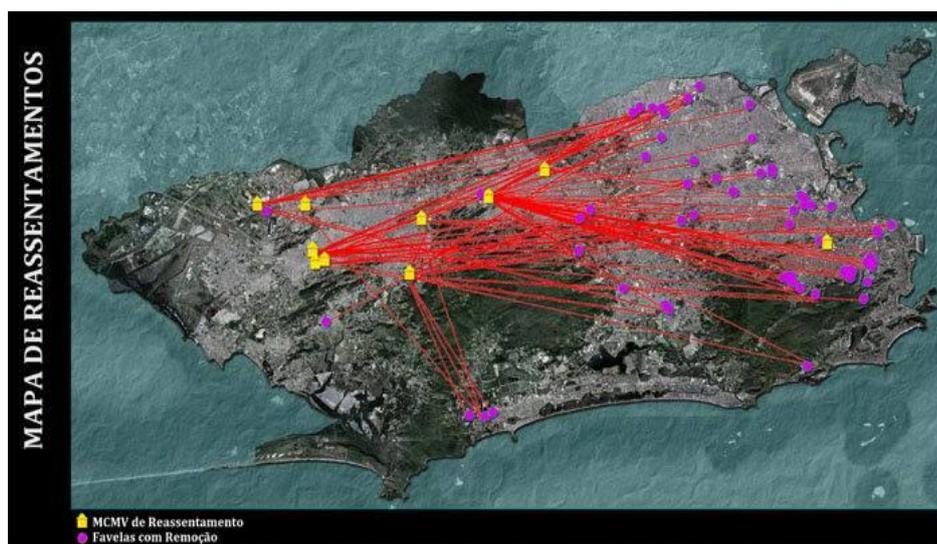


Imagem 9 - O mapa produzido por Lucas Faulhaber, da Escola de Arquitetura e Urbanismo/UFF, mostra claramente: o Rio de Janeiro está passando por um perverso processo de realocação dos pobres na cidade, uma tentativa de invisibilizá-los. <fonte: <http://comitepopulario.wordpress.com>>

No movimento contínuo: reflexões finais pela PARADA VERDE, seguindo o enlace

A Relação compreende a violência, marca a distância dela.

Édouard Glissant

A continuidade dessa ação no morro se faz pela inserção de objetos coloridos onde o verde predomina, assim estendendo a ideia que se segue de verdejar o morro, introdução da alteração no cinza predominante. O recurso do grafite tem se mostrado eficaz na comunicação com os moradores: além de criar uma atmosfera de troca: a obra é tratada em parceria, onde os elementos cor, espaço, forma, são temas de conversa e debates. O tempo de nossa estadia vespertina, às vezes

encurtada pela chuva ou pelo calor extremo, tem feito estreitar ao laço e a confiança vem surgindo, as parcerias seguem, pouco a pouco. A escuta exige a espera. Exercitamos a arte da presença na mobilização de uma força liberadora. E sobre esses aspectos, a leitura de Beuys (2006) tem se feito como significativa reflexão:

“Eu não quero uma área livre, uma área extra, mas eu quero uma área de liberdade que se tornará conhecida como o lugar de onde a revolução se origina, transformada pela passagem através da estrutura democrática de base, e assim reestruturando a economia de um jeito que sirva às necessidades do homem e não meramente aos de uma minoria em seu próprio benefício. Essa é a conexão. E é o que eu entendo como arte.” (p.124)

Escolhemos o desafio pensando a economia como uma expressão mais ampla, significando a inclusão da economia dos corpos, das afecções, dos afetos, das memórias, dos espaços e dos desejos.

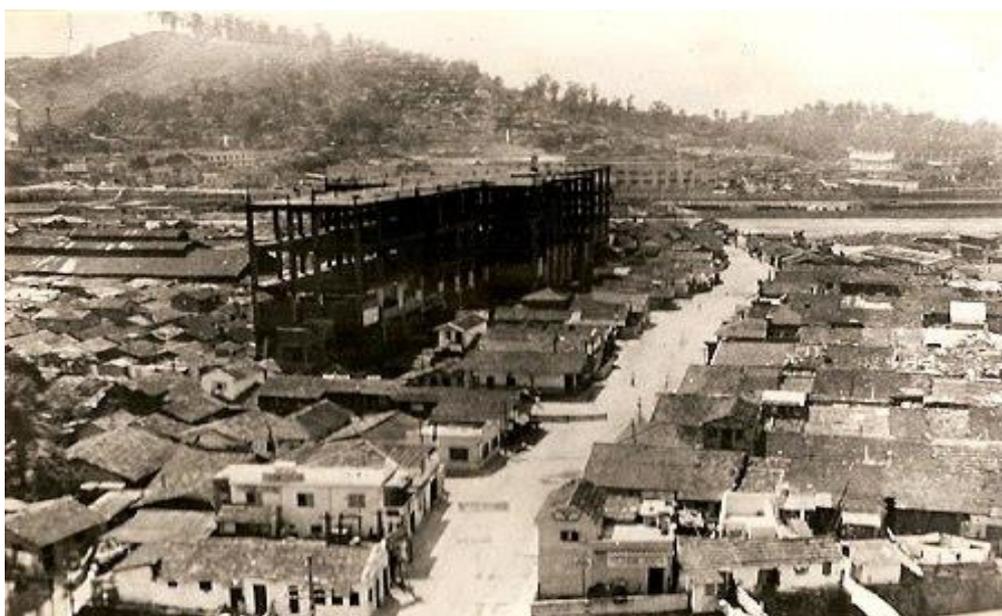


Imagem 10: A “Favela do Esqueleto”, construção abandonada que, com a retirada dos moradores do entorno, em 1960, foi recuperada dando origem a atual UERJ. Ao fundo, o morro da Mangueira. Vizinhança partida pela construção dos elevados da autovia Radial Oeste, estações de trem e metrô, passa a ser explorada pela aproximação através da ponte de afetos. Extensão, ensino e pesquisa estão se produzindo como forças de trabalho nessa construção. < fonte: coleção UERJ/ Rede Sirius de Bilbliotecas >

As intervenções são derivadas como obras de todos, na medida em que as proposições começam a surgir de ambos os lados. A PARADA VERDE é ideia elaborada como projeto a partir do desejo das crianças que frequentam o Jardim da Tia Neuma, pois desejam subir o colorido para o alto da Rua Icaraí. Será preciso ainda animar o jardim com outras festas e encontros, espaços de trânsito entre o cotidiano e o extraordinário. E ainda seguir no tempo regular, no espaço dos dias

comuns, praticando a situação de familiaridade, ao que tornamos, assim, válido, o estado de vizinhança.

REFERÊNCIAS

BEUYS, Joseph. *Report on a Day's Proceedings at the Bureau for Direct Democracy/ 1972*. In BISHOP, Claire. *Participation*. Col. Whitechapel Gallery, Documents of Contemporary Art. Massachusetts: The MIT Press, 2006.

CASTRO, Manuel Antônio. *ARTE: Corpo, Mundo e Terra*. Rio de Janeiro, Ed. 7 Letras, 2009.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: EDJF, 2005.

FRADE, Isabela. *Arte viva na via uerj mangueira - modelagem de corpos e lugares de convivência*. Anais XXI ANPAP. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. (p. 373 -385).

JACQUES, Paola. *Estética da Ginga*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

MATURANA, Humberto e VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e Brincar – fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Atenas, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *O Espectador Emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro Ed., 2010.

Isabela Frade

Artista e educadora, integra equipe docente do Departamento de Ensino de Arte e Cultura Popular do IART/ UERJ e lidera o Observatório de Comunicação Estética/ CNPq. Coordena o projeto *TERRA, ARTE & VIDA: saberes partilhados, laços comunais e ações ambientais-SR-3UERJ/MEC/SMERJ*. isabelafrade@gmail.com